

AS MEMÓRIAS DE ALEKSANDER HENRYK LAKS E OS PARADIGMAS DO TESTEMUNHO

Tânia Sarmiento-Pantoja*

Resumo

O livro de memórias intitulado *O sobrevivente*, do judeu polonês naturalizado brasileiro Aleksander Henryk Laks, escrito em parceria com Tova Sender, se configura como relato das experiências vividas por Laks em sua peregrinação por campos de concentração durante seis anos. O relato está constituído como escritura da *Shoah* e como tal se enquadra nas características apresentadas por essa forma de relato testemunhal. Está nele presente a necessidade de narrar como dever de memória, o ato de denúncia, o aprendizado para as novas gerações, o gesto humanitário enquanto admoestação, a prevenção contra a repetição de episódios como o da *Shoah*. Contudo, uma das principais singularidades no relato de Laks é justamente a parceria com Tova Sender, o que o aproxima também da forma do *Testimonio*, além de outras possibilidades. Com base nessas projeções pretendemos verificar como *O sobrevivente* se faz escritura constituída como híbrido de formas testemunhais, dentre as quais destacamos o *Zeugnis* (Alemanha) e o *Testimonio* (América Latina).

Palavras-chave

Aleksander Henryk Laks; Memória; *O sobrevivente*; *Shoah*; Sobrevivência; Testemunho; Tova Sender.

Abstract

The memoir titled *O sobrevivente*, the Polish Jew naturalized Brazilian Aleksander Henryk Laks, written with Tova Sender, is configured as the experiences reported by Laks on his pilgrimage to concentration camps for six years. The report is comprised of the *Shoah* as scripture and as such fits the characteristics presented by this form of eyewitness account. It is the need to narrate this as a duty of memory, the act of termination, the learning for future generations, while warning the humanitarian gesture, to prevent the repetition of episodes such as the *Shoah*. However, one of the leading singularities in reporting Laks is precisely the partnership with Tova Sender, which also approximates the shape of the *Testimonio*, among other possibilities. Based on these projections intend to see how *O sobrevivente* is done deed of witness constituted as hybrid forms, among which we highlight the *Zeugnis* (Germany) and the *Testimonio* (Latin America).

Keywords

Aleksander Henryk Laks; Memory; *O sobrevivente*; *Shoah*; Survival; Testimony; Tova Sender.

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP. Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação (FALE- ILC) – Universidade Federal do Pará – UFPA – Belém – PA – Brasil. Email: nicama@ufpa.br

Zeugnis e Testimonio

O professor e crítico literário Alfredo Bosi, no texto intitulado “A escrita do testemunho em Memórias do cárcere”, afirma o seguinte:

O testemunho vive e elabora-se em uma zona de fronteira. As suas tarefas são delicadas: ora fazer a mimese de coisas e atos apresentando-os “tais como realmente aconteceram” (conforme a frase exigente de Ranke), e construindo, para tanto, um ponto de vista confiável ao suposto leitor médio; ora exprimir determinados estados de alma ou juízos de valor que se associam, na mente do autor, às situações evocadas. (BOSI, 2008, p. 222).

Por sua vez, Giorgio Agamben nas linhas iniciais de um ensaio sobre a testemunha, que se encontra em *O que resta de Auschwitz* ensina: “No campo, uma das razões que leva um deportado a sobreviver consiste em tornar-se uma testemunha” (AGAMBEN, 2008, p.25). Testemunhar o que aconteceu, denunciar o que foi vivido no campo de concentração, está, segundo Agamben, entre as justificativas apresentadas para se testemunhar. Diante das barbaridades sofridas, alguns sobreviventes optaram pelo silêncio. Outros escolheram falar. Ao comentar sobre Primo Levi, um dos mais conhecidos sobreviventes da *Shoah*, autor de dois romances e vários relatos testemunhais, Agamben argumenta: “ele não se sente escritor, torna-se escritor unicamente para testemunhar” (AGAMBEN, 2008, p. 26). E depois de estar com um conjunto considerável de narrativas publicadas Primo Levi, citado por Agamben, pode finalmente dizer: “Estou em paz comigo porque testemunhei”.

Avalio que esses aspectos envolvidos na produção de Primo Levi também se fazem presentes na narrativa testemunhal intitulada *O Sobrevivente*, de Aleksander Henryk Laks, escrito em parceria com Tova Sender. O livro, sem dúvida, nasce do desejo de testemunhar.

Segundo Márcio Seligmann-Silva, um dos estudiosos brasileiros que incansavelmente tem se debruçado sobre um *corpus* de relatos de sobrevivência, o livro *O Sobrevivente*, enquanto relato de sobrevivente da *Shoah*, é um texto que “não apresenta muitas marcas da oralidade. No livro o eu narrativo é o do próprio Laks, com exceção de uma página de introdução e das 4 páginas finais, onde Sender assume seu eu-escritural” (SELIGMANN-SILVA, 2007, p. 06).

O pesquisador brasileiro ainda ressalta algumas contribuições referentes a uma espécie de arquivo histórico e clínico acerca da condição humana, que se fazem presentes no livro de Laks e Sender, como as dubiedades do presidente do Judenrat, Chaim Rumkowski, e a denúncia acerca do terror que se estabeleceu nos guetos e nos Campos; também ressalta a abordagem bastante detalhada das torturas e mutilações pouco ou nunca reportadas em outros testemunhos da *Shoah*, como os espancamentos levados a termo em Auschwitz, verdadeiras sessões de tortura, que provocavam a morte do espancado. Vejamos alguns fragmentos que remetem o leitor a esses momentos no relato de Laks e Sender:

Os judeus religiosos tinham as barbas arrancadas com a própria pele. Isso ocorreu também a meu avô – que nunca se curou das feridas. Meu avô foi o primeiro membro de nossa família a ser deportado e exterminado em câmara de gás móvel camuflada. (LAKS; SENDER, 2014, p. 35).

Em Auschwitz, havia uma tortura instituída que consistia em vinte e cinco pancadas no traseiro. As vinte e cinco pancadas eram aplicadas sem motivo algum. Era mais um método para produzir a morte, sob qualquer pretexto [...]. O prisioneiro tinha que se colocar em cima de um cavalete, com as mãos amarradas á frente e eles batiam atrás. Aos primeiros golpes a pessoa gritava, mas depois de dez pancadas não gritava mais. Os ossos quebrados e esmagados se misturavam à pasta de sangue. Os músculos ficavam tão contraídos, que era difícil retirar os cadáveres do cavalete” (LAKS; SENDER, 2014, p. 99-100).

Para Seligmann-Silva, esse teor descritivo relacionado às atrocidades se encontra “ausente de relatos cronologicamente não muito distantes, como o de Ruth Klüger, que preferiu focar seu relato na situação psicológica dos prisioneiros e na própria construção da sua memória da *Shoah*” (SELIGMANN-SILVA, 2007, p. 06). De todas as observações propostas por Seligmann-Silva, uma das que mais me chamou atenção diz respeito ao formato da narrativa de *O Sobrevivente*. Diz Seligmann-Silva que, dentre os relatos de sobreviventes da *Shoah*, *O Sobrevivente* apresenta “uma interessante e rara dupla autoria, uma vez que Tova Sender, uma psicóloga, é quem redigiu o texto narrado a ela por Laks” (SELIGMANN-SILVA, 2007, p. 06). Guardadas as devidas diferenças entre características estéticas relacionadas ao testemunho, meu argumento, aqui, é: no que diz respeito a esse aspecto *O Sobrevivente* guarda correlações formais com o chamado *Testimonio latino-americano*, como procuro verificar mais adiante.

De acordo ainda com Seligmann-Silva (2003, p. 8), de modo geral o termo testemunho pode apresentar três definições, sendo a primeira de sentido jurídico: o testemunho enquanto relato da testemunha ante o tribunal, como prova de uma atrocidade cometida contra um indivíduo ou uma coletividade e abrindo caminho para a punição legítima do perpetrador. A segunda definição tem sentido histórico e etológico, na medida em que o testemunho serve ao registro de um determinado período e de uma matéria histórica, além de oferecer a possibilidade de compreensão para o caráter e o comportamento humano em condições catastróficas de deterioração da humanidade. O terceiro sentido vincula-se à necessidade de narrar a “sobrevivência” em face do evento-limite. Essa necessidade de narrar, por sua vez, se realiza em duas perspectivas: a de denúncia relativa à ofensa contra a condição humana e a da compreensão, por parte do sobrevivente, sobre o que se passou consigo mesmo. Ressalto que um mesmo testemunho pode conter as três definições.

Para grande parte dos estudiosos da teoria do testemunho há duas grandes vertentes testemunhais: o *Zeugnis* e o *Testimonio*.

Zeugnis, termo alemão, deriva de *Zeugen* que significa “não só testemunhar, mas também gerar, procriar no sentido do papel do homem na reprodução” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 29). O testemunho é uma narrativa criada com base nas relações entre um acontecimento e a dimensão pessoal. Considerando os aspectos filológicos do termo alemão, a testemunha relata com base em uma experiência vivida e, nesse sentido, o testemunho resultaria de um ato criativo.

O *Zeugnis* possui as seguintes singularidades: apresenta matéria histórica concentrada na Segunda Guerra, no Nazismo e, mais particularmente, na *Shoah*; delinea-se com base nos signos de uma experiência verídica: o testemunho é o resultado da transformação da vivência em discurso; nos coloca em face dos signos da ofensa: a verbalização de afetos que envolvem o desamparo, a nudez, o despojamento, o medo, a dor, etc., presentes na experiência concentracionária. É uma narrativa cuja estrutura formal é marcada pela tentativa de verbalizar o que foi vivido, algo a que Seligmann-Silva (2003, p. 123-124) chama de literalização. Essa verbalização, por sua vez, por ser constituída por um processo de rememoração, pode se apresentar de forma fragmentada. Em outras palavras, é difícil que uma narrativa de testemunho seja construída de maneira coerente e ordenada. Tem uma função terapêutica que é a de dar voz à vítima e, nesse sentido, o texto se faz um espaço de fala. São, ainda, narrativas marcadas pela presença de cenas de extrema violência, evocadoras das situações-limites experimentadas.

O *Testimonio* é a segunda vertente teórica do testemunho. Entre suas características, destaco a presença da matéria histórica relacionada à exploração e expropriação de comunidades tradicionais – indígenas e quilombolas na América Latina – que podem ou não estar correlacionadas às experiências resultantes das ditaduras nesse território. Apresenta duas ramificações que podem se apresentar interligadas: a primeira trata da recomposição da história dos excluídos. Esse conjunto possui caráter de denúncia, visando chamar a atenção para a permanência de diferenças sociais e mecanismos de exploração, ao mesmo tempo em que reclama pela reparação das injustiças sociais. A segunda ramificação compõe-se do relato das vítimas dos regimes militares ditatoriais implantados na América Latina entre as décadas de 60 e 80 do séc. XX. Também apresenta caráter de denúncia, especialmente em relação às prisões por motivações políticas, à perda do direito à fala, as torturas, assassinatos e desaparecimentos perpetrados pelo braço armado do regime ditatorial. O *Testimonio* pode agregar diferentes discursos (literário, arquivístico, jornalístico, confessional) ou por mimetismo ou pela inserção de paratextos no corpo do testemunho, daí provém um intenso teor documental. No *Testimonio* é, também, comum o testemunho mediatizado, uma forma de testemunho que apresenta no discurso um mediador, um terceiro, cuja função é a de registrar a fala de quem testemunha, inserido no discurso como coautor ou co-narrador. De acordo com Valéria De Marco:

Essa corrente propõe tópicos para construir uma definição de literatura de testemunho e para esboçar a caracterização de uma forma. Ela supõe o encontro de dois narradores e estrutura-se sobre um processo explícito de mediação que comporta os seguintes elementos: o editor/organizador elabora o discurso de um outro; este outro é um excluído das esferas de poder e saber na sociedade; este outro é representativo de um amplo segmento social ou de uma comunidade e, portanto, por sua história ser comum a muitos, ela é exemplar. Por serem estes seus pilares de estruturação, são considerados “pré-textos” os testemunhos imediatos – depoimentos, cartas, diários, memórias, autobiografias – bem como outros discursos não ficcionais – biografias, testemunhos etnográficos e historiográficos. Do convívio, no livro, de dois discursos – o do editor e o da testemunha – brotariam as tensões que configurariam o perfil literário do texto. Estas tensões se dariam entre o fictício e o factual, entre literariedade e literalidade, entre a linguagem poética e a prosa referencial. (DE MARCO, 2004, p. 47).

Vale ressaltar, ainda, que tanto o romance-testemunho quanto o testemunho romanceado são oriundos da forma mediatizada do testemunho (DE MARCO, 2004, p. 47): no testemunho romanceado há a presença de um autor que cumpre o papel de editor ao compor o conteúdo testemunhal com base em depoimento dado a ele por um testemunhante e pela inserção no texto de uma série de paratextos (prólogos, notas e outros dados factográficos) que cumprem a função de atestar o que está sendo afirmado e as circunstâncias de produção textual, procurando marcar, “ao menos aparentemente, a separação entre ambos os discursos” (DE MARCO, 2004, p. 47).

O romance-testemunho se diferencia por ser concebido com base no manuseio de diferentes relatos testemunhais e/ou formas documentais para reelaborar criativamente, e segundo aspectos estruturantes próprios da ficção literária, uma matéria historiográfica específica relacionada a eventos catastróficos. Ainda para Cecília Inés Luque o romance-testemunho configura-se como “textos narrativos nos quais o autor – no sentido convencional do termo – inventou uma história que se assemelha a um testemunho ou trabalhou literariamente um relato testemunhal (próprio ou alheio)” (LUQUE, 2003, p. 17). Paradigmáticos dos romances-testemunhos, de acordo com De Marco, seriam

Operación Massacre (1956), de Rodolfo Walsh, e *La noche de Tlatelolco* (1971), de Helena Poniatowska.

Apesar de essas fronteiras formais parecerem razoavelmente delineadas, as possibilidades de ficcionalização do testemunho têm remetido a certas experiências literárias que podem agregar elementos comuns aos dois formatos, tornando menos tranquilas tais definições. Cito, a título de exemplo, o romance *Soledad no Recife*, do brasileiro Urariano Mota, que se apresenta como reelaboração do massacre da Chácara São Bento, conhecido episódio ocorrido no interior das ações repressivas da ditadura civil-militar de 1964 e que apresenta o protagonismo da militante paraguaia Soledad Barret Viedma como ponto chave. Nesse romance, encontramos o processo re-elaborativo conjugado a uma série de paratextos, com claro conteúdo factográfico, com especial atenção para a presença de um conjunto de fotografias de Soledad em momentos distintos de sua atuação como ativista política.

Outro importante aspecto a ser salientado no que concerne ao romance-testemunho diz respeito ao manuseio da figura do terceiro como mediador, fundamental para a escrita do testemunho romanceado e que, no entanto, se apresenta mais diluído no romance-testemunho, na medida em que neste surge enquadrado como um personagem-narrador.

A escrita de *O Sobrevivente* no limiar entre o *Zeugnis* e o *Testimonio*

Para Patrícia Lilenbaum:

No Brasil, os escritos de testemunho do Holocausto ou de vivências paralelas a ele não são tão numerosos. Os sobreviventes que vieram para o Brasil no pós-guerra não produziram depoimentos e/ou obras literárias em número expressivo. Há, de maneira mais expressiva, uma literatura que testemunha a sobrevivência do judeu na diáspora (e, nesse caso, a diáspora é tanto relativa à terra de Israel quanto à própria Europa, berço judaico por tantos séculos). (LILENBAUM, 2007, p. 07).

Esse parece ser o caso de Aleksander Henry Laks. O livro *O Sobrevivente*, escrito com Tova Sender, relata as atrocidades vivenciadas e testemunhadas por Laks em sua peregrinação por vários campos de concentração, incluindo o temido campo de Auschwitz, e ao mesmo tempo agrega a história de sua migração para o Brasil.

O caráter testemunhal é reiterado já na introdução do livro. No processo de rememoração, Laks recupera a memória de sua vida desde o seu nascimento, na cidade de Lodz, Polônia, em 1927. O ponto crucial da narrativa nos parece ser, sem dúvida, o que corresponde à experiência concentracionária, que agrega parte da infância e da juventude de Laks. Suas recordações mostram como a família era engajada politicamente, como ele recebeu formação socialista, bem como o primeiro contato com atos repressivos de um estado autoritário (LAKS; SENDER, 2014, p. 22), o ponto de abertura das atrocidades cometidas por Hitler (LAKS; SENDER, 2014, p. 15) e a invasão da Polônia pelas forças nazistas (LAKS; SENDER, 2014, p. 28).

Vale ressaltar que a valorização da vida humana, aspecto caro às narrativas de testemunho da *Shoah*, se coloca como imperativo já no início do relato de Laks e Sender:

Até então, achávamos que a vida humana tinha valor. Pensávamos que não havia nada mais valioso, nada que superasse a importância de uma vida. No entanto, o que vimos no dia seguinte compromete a dignidade humana. É algo inimaginável, até mesmo para a mente mais cruel. A partir daí a morte passou a ser uma rotina. (LAKS; SENDER, 2014, p.28)

Márcio Seligmann-Silva observa que em muitas narrativas de sobreviventes da *Shoah* que fizeram a diáspora é possível encontrar o discurso do triunfo. Porém, diz ele “o testemunho de Aleksander Henryk Laks, apesar de publicado em 2000, não tem as marcas deste testemunho calcado no “triunfo” do pós-guerra” (SELIGMANN-SILVA, 2007, p. 06).

Como observo na primeira parte deste texto, o testemunho de Laks e Sender, notoriamente um testemunho da *Shoah*, pois esta é a sua matéria histórica, apresenta uma característica que o aproxima do *Testimonio* na forma do testemunho romanceado: a presença da mediação em virtude da coautoria com Tova Sender. Adiante, procuro verificar de maneira mais pormenorizada esta relação.

O *Testimonio* remonta ao “discurso indígena destinado aos estranhos”, conforme ressalta Martín Lienhard, citado por Dorcas Damasceno, e surge no interior do sistema colonial. Desde seus primórdios esteve comprometido em “denunciar situações de opressão e reivindicar melhores condições e o reconhecimento de direitos, ao mesmo tempo em que buscava afirmar identidades em conflito, implicando a prática de ‘um diálogo intercultural’” (LIENHARD apud DAMASCENO, 2009, p.32):

O precursor do testemunho latino-americano é o escritor cubano Miguel Barnet, com a obra *Biografía de un cimarrón*, publicado em 1966, que consiste na transcrição dos relatos orais de um ex-escravo, também cubano, Esteban Montejo, e que descreve, além dos horrores da escravidão dos negros em Cuba, aspectos interessantes da cultura e da religião afro-cubanas. (DAMASCENO, 2009, p.51).

Nesse texto precursor, a mediação de um terceiro, no caso, o próprio Miguel Barnet, e a consequente coautoria com a testemunha, a exemplo do que ocorre com o posterior testemunho de Rigoberta Menchú e Elizabeth Burgos, já se faz presente, embora não assumida no projeto editorial: na capa e nas demais sessões do livro há apenas o nome de Barnet como autor. Para Elzbieta Sklodowska (DAMASCENO, 2009, p. 52) o sucesso do texto produzido por Barnet, que se tornou internacionalmente conhecido, foi o responsável imediato pela agregação do termo “testemunho” ao vocabulário da crítica especializada. A incorporação definitiva viria quatro anos depois com a criação do Prêmio Testemunho em 1970, por sugestão do escritor Ángel Rama. O prêmio foi instituído pela Casa de Las Américas, sediada em Cuba. Para a implantação do Prêmio, um documento da Casa de Las Américas procurava conceituar o *Testimonio* da seguinte forma, estabelecendo parâmetros para a seleção dos textos:

[...] documentarão, de fonte direta, um aspecto da realidade [...]. Entende-se por fonte direta o conhecimento dos fatos pelo autor, ou a recopilação, por este, de relatos obtidos dos protagonistas ou de testemunhas idôneas. Em ambos os casos, é indispensável a documentação fidedigna, que pode ser escrita e/ou gráfica. A forma fica à escolha do autor, mas a qualidade literária é também indispensável. (SKLODOWSKA apud DAMASCENO, 2009, p. 52).

O mais famoso *Testimonio* premiado pela Casa de Las Americas é o de Rigoberta Menchú e Elizabeth Burgos intitulado *Me llamo Rigoberta Menchú*, de 1982-83. Também é considerado pelos estudiosos da teoria do testemunho como paradigma do *Testimonio*. Nesse livro já é clara a coautoria entre a testemunha e o narrador na condição de terceiro, no caso, Rigoberta Menchú e a compiladora Elizabeth Burgos. O livro é o resultado de uma série de entrevistas concedidas por Menchú a Elizabeth Burgos, que, por sua vez, as compilou e organizou o texto. Menchú foi agraciada em 1992 com o Nobel da Paz em razão de seu

testemunho e, sobretudo, por seu ativismo político na luta pelo reconhecimento dos povos indígenas da Guatemala. Como vimos, esse paradigma seria aquele delineado por Valéria De Marco como sendo o testemunho romanceado.

É possível observar que a categorização do *Testimonio* tal como construída pela Casa de Las Americas se encontra no testemunho de Laks e Sender. Nele, como já citado anteriormente, encontramos “o conhecimento dos fatos”, a recopilação com base em “relatos obtidos dos protagonistas ou de testemunhas idôneas”. No caso, a recopilação é baseada no conhecimento de Laks, que, por sua vez, assume as funções de testemunhante e de narrador. Sander é a copiladora ou editora e em apenas algumas partes do livro assume a voz narrativa. Além disso, o testemunho de Laks apresenta também aquela “documentação fidedigna, que pode ser escrita e/ou gráfica”, conforme consta do documento da Casa de Las Américas. De fato, em *O sobrevivente* há uma série de paratextos que legitimam e ampliam a veracidade do que está sendo dito/testemunhado. Márcio Seligmann-Silva foi o primeiro pesquisador a salientar a presença desses paratextos. Diz ele:

O livro de Laks e Sender possui também uma série de imagens, fotos dos pais, do autor quando criança, de manuscritos de letras de canções em ídiche compostas no gueto, do dinheiro do gueto, de documentos etc. Apenas a última das imagens de seu livro retrata o sobrevivente, Laks, mais recentemente, em 1996. Coerentemente com o tom geral do livro, a ênfase na escolha das imagens recai na documentação do período da *Shoah*. (SELIGMANN-SILVA, 2007, p. 06-07).

Esses registros procuram traçar um paralelo entre diferentes etapas da existência de Laks – a infância ainda sem o contato com a guerra, a imersão na experiência catastrófica, a recuperação da vida ordinária após a imigração, momento em que também se efetiva a (re)organização da memória dos sucedidos. Para consolidar ainda mais a função desses registros, o relato é composto segundo uma estruturação que procura realçar o modo circunstanciado das desventuras vividas por Laks, em particular a partir da etapa em que ele é aprisionado em Auschwitz, sem perder de vista a sequencialidade dos acontecimentos. Nesse sentido, o próprio sumário já se apresenta como micronarrativa da narrativa propriamente dita.

Além da presença da escrita mediada e da documentação – apresentada como paratexto, destacamos também a inserção do Prólogo como um elemento singularizador do *Testimonio* e, também, uma presença no livro de Laks e Sender. De acordo com Alvaro Kaempfer (2000) o prólogo é um tipo de paratexto que no *Testimonio* adquire caráter fundamental, pois é nesse espaço da escrita que, com esforço autoexplicativo, o compilador ou editor “legitima o testemunhante, mostra os parâmetros de sua criação textual e prescreve como seu texto deve ser lido” (KAEMPFER, 2000, s/p).

Sobretudo, na relação entre testemunha e compilador, o prólogo é o espaço que permite ao compilador “transformar o *Outro* (seu relato e sua história) em um objeto de conhecimento compatível com o que Michel Foucault chama de regime de verdade”, ou seja, os tipos de discurso que a sociedade acolhe e faz funcionar como verdadeiros (FOUCAULT, 2003, p. 12). O regime de verdade presente nos *testimonios* relaciona-se, em geral, com a busca por realçar o protagonismo da testemunha naquilo que é relatado, defendendo sua condição de “legítimo ator” no interior da matéria histórica; pontuar a condição do compilador enquanto terceiro e, portanto, de sujeito não inserido nos episódios relatados; mostrar as diretrizes das motivações éticas e políticas voltadas à matéria narrativa apresentada: busca por conhecimento, denúncia, justiça, reparação, alerta contra novas ocorrências de atrocidades, etc.

O prólogo pode, nesse caso, ter vários formatos: prefácio, introdução, advertência etc. A extensão também pode variar bastante. No caso de *O Sobrevivente*, o prólogo apresenta-se como “Introdução”, e é muito conciso: tem apenas um parágrafo. Mas, nele, é possível ver que Tova Sender, a compiladora, ao mesmo tempo em que enfatiza a figura da testemunha, Alexander Laks, destaca também a sua condição de terceiro. Diz ela, logo nas primeiras linhas:

Os fatos que vou relatar aqui não os li nos livros de História. Eu os ouvi pessoalmente de um sobrevivente que, por sua vez, não leu nos livros de História os fatos que me relatou. Para o seu pesar, ele os viveu na pele, no sangue, nos ossos, nos nervos, em cada sopro de sua vida (LAKS; SENDER, 2014, p. 15).

São fatos que “ocorreram de verdade”. Ela também enfatiza a proximidade com a testemunha ao referir-se a ele utilizando uma alcunha de família: “junto com meu amigo Heniek” (LAKS; SENDER, 2014, p. 15), estratégia que amplia a consistência do relato enquanto resultado de uma compilação. As motivações éticas e políticas são, também, evidentes, e buscam a empatia do leitor: “o que ocorreu a ele poderia ter ocorrido a qualquer um de nós” (LAKS; SENDER, 2014, p. 15).

Por esses aspectos levantados, a título de finalização, observamos que mesmo voltado à *Shoah*, fundamento do *Zeugnis*, o testemunho de Laks e Sender apresenta características do *testimonio* – o que faz dele um testemunho híbrido e uma narrativa singular para o *corpus* das duas vertentes, condição que, sem dúvida, está projetada no subtítulo da narrativa: “memórias de um brasileiro que escapou de Auschwitz”.

SARMENTO-PANTOJA, T. The Memories of Aleksander Henryk Laks and the Paradigm of Testimony. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 6, n. 1, p. 107-115, 2014.

Referências

AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

BOSI, A. A escrita do testemunho em Memórias do cárcere. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 309-322, 1995. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n23/v9n23a20.pdf>>. Acesso em 02/10/2013.

DAMASCENO, D. V. O Testemunho Hispano-Americano no Século XX: Aspectos Principais. In: _____. *Me Llamo Rigoberta Menchú: Heterogeneidade, Hibridismo e Relações de Poder*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/dorcasvieiradamascenomestrado.pdf>>. Acesso em 07/10/2013.

DE MARCO, V. A literatura de testemunho e a violência de Estado. **Revista Lua Nova**. São Paulo, s/v., n. 23, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n62/a04n62>>. Acesso em 02/10/2013.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2003.

LILEMBAUM, P. C. Testemunho: uma breve reflexão sobre ética e estética na literatura judaica. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, s/p., out./2007. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/978>>. Acesso em 09/11/2013.

LUQUE, C. I. *Balún Canán* de Rosários Castellanos: un ejemplo de memórias pseudotestimoniales. **Contribuciones desde Coatepec**, v. 2, n. 4, p. 17-34, enero-junio/2003. Disponível em <<http://www.redalyc.org/pdf/281/28100402.pdf>>. Acesso em 21/10/2013.

KAEMPFER, A. Los prólogos testimoniales: paratexto, otredad y colonización textuale. **Estudios Filológicos**, Valdivia, n. 35, 2000. Disponível em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0071-17132000003500013>. Acesso em 21/10/2013.

SELIGMANN-SILVA, M. "Zeugnis" e "Testimonio": um caso de intraduzibilidade entre conceitos. In: **Letras**, Santa Maria, s./v., n. 22, p. 121-130, jan.-jun./2001. Disponível em <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/view/11829/7257>>. Acesso em 05/10/2013.

_____. Literatura da *Shoah* no Brasil. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, s/p., out./2007. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/977/1086>>. Acesso em 09/11/2013.